



Projectos participativos

Funchal, Teatro Municipal Baltazar Dias

2 de Junho de 2023, 18h-20h

Entrada livre

Com o objectivo de tornarem a sua actividade mais relevante para as pessoas e de criarem diferentes formas de acesso, diferentes entidades culturais experimentam desenvolver projectos chamados “participativos”. Acreditamos que farão cada vez mais parte da programação cultural, por isso, é necessário refletirmos sobre as razões e a forma como se desenvolvem. Questões que frequentemente se colocam quando se fala de projectos participativos:

- A quem se dirigem?
- Qual a diferença entre “participativo” e “comunitário”?
- Em que consiste a “participação”?
- Como são tomadas decisões?
- Devem ter continuidade no tempo ou podem também ser iniciativas pontuais?
- Como se avaliam?
- Quais as potencialidades e as fragilidades?

Convidados

Diogo Gonçalves, Dançando com a Diferença; **Filipe Ferraz**, Antropólogo e Realizador; **Marta Silva**, Largo Residências; **Michelle Caires**, Coreógrafa

Moderação

Helena Barranha, Acesso Cultura

Resumo

- Abrir as artes performativas à participação é uma forma de envolver e trabalhar com novos públicos.
- Verifica-se, demasiadas vezes, que as construções de projetos nas artes performativas estão muito fechadas sobre si, nas suas maneiras e estereótipos. Por anos, os atores, bailarinos e técnicos estão habituados a ver, na plateia da sala de espetáculos, sempre os mesmos (os outros atores, os outros técnicos, os amigos, os amigos dos amigos). Parece cria-se um círculo vicioso, em que parece que apresentamos espetáculos uns para outros e não conseguimos alcançar um público mais vasto e diversificado.
- Uma das formas de contribuir para que isso aconteça pode ser os projetos participativos que são também impulsionadores de mudança e transformação social.
- Os projetos participativos são mais do que processos inclusivos, são de coesão de territorial. São utilizadas diversas disciplinas artísticas que juntam artistas profissionais e comunidades em processos partilhados de aprendizagem e de construção de propostas artísticas, que valorizam a participação de todos.
- Existe uma divisão conceptual entre arte comunitária e arte participativa. No que concerne à arte participativa, assistir a um espetáculo pode ser uma forma indireta de participar nele. No

entanto, o panorama cultural tem mostrado que as pessoas estão cada vez mais interessadas em assumir um papel mais ativo sobre as suas experiências criativas, cada vez mais imersivas, interativas e orientadas para o seu perfil pessoal. Assim, os artistas têm trabalhado na diluição das fronteiras entre quem cria e quem observa e questionam os pressupostos nos processos de criação artística.

- Nas artes participativas, os processos habitualmente são mais orientados, e as pessoas não-profissionais podem ser envolvidas em alguma das etapas, desde o processo de investigação, escrita, encenação e/ou apresentação. Há um processo bem definido com etapas e é esperado um resultado final, embora a participação possa ser muito diversa na sua natureza, escala e âmbito.
- Na arte comunitária, o processo é mais aberto, sendo que frequentemente, quando existe a colaboração entre profissionais e não profissionais, o processo é co-construído e podemos não saber a priori qual será o resultado final e se ele se concretizará.
- Por vezes, algumas estruturas culturais acabam por desenvolver projetos “participativos” considerando a importância que estes projetos têm ganho na programação e financiamento cultural, mas sem implementar verdadeiramente a participação da comunidade ou os métodos não são facilitadores da participação das mesmas.
- Uma das ideias apresentadas é o facto de ao trabalhar com comunidades específicas, integrar na sua própria estrutura mediadores comunitários, ou seja, integrar no elenco, na equipa artística, equipa técnica ou equipa de produção elementos dessa comunidade.
- Quando pensamos em projetos participativos, necessitamos pensar também em quem são estas pessoas? Como vamos chegar até elas? Como vamos inclui-las no processo? O que vai acontecer depois que o projeto terminar?
- Os projetos participativos dependem, geralmente, do financiamento e são de curta duração. Quando trabalhamos com as comunidades, criamos laços e expectativas nessas pessoas. É importante trabalhar a continuidade do projeto ou desenvolver mecanismos que permitam que estas pessoas sejam apoiadas numa fase posterior.
- Por exemplo, um espetáculo pode trabalhar com pessoas sem-abrigo e elas serem incluídas num elenco. A verdade é que durante esse período, estas pessoas têm acesso a refeições, dinheiro, banho quente, estão no palco de um teatro, são aplaudidas e depois quando o espetáculo termina, onde vão dormir? E quando o projeto terminar, o que serão destas pessoas e das suas expectativas?
- Desenvolver projetos participativos não pode significar “usar” as pessoas para atingir objetivo artísticos e culturais.